**DOMINGO DE RAMOS NA PAIXÃO DO SENHOR (ANO C)**

***Procissão de Ramos****Lc* 19,28-40

***Missa***

*Is* 50,4-7; *Sal* 21; *Fl* 2,6-11; *Lc* 22,14-23,56

*Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonastes?*

**COMENTÁRIO**

*O coração da missão divina*

O Domingo de Ramos é também chamado Domingo da Paixão do Senhor porque «duas antigas tradições moldam esta celebração litúrgica, única no seu género: o costume de uma procissão em Jerusalém e a leitura da Paixão em Roma» (*Directório Homilético*, 77). Por isso, o documento eclesiástico continua dizendo, «a exuberância em torno da entrada real de Cristo [em Jerusalém] dá imediatamente lugar a um dos Cânticos do Servo sofredor e à solene proclamação da Paixão do Senhor.» Deste modo, entramos imediatamente na atmosfera da Semana Santa, dos acontecimentos da última semana de Jesus em Jerusalém, a qual se revelou o ápice da Sua vida terrena e o coração da Sua missão divina.

A este respeito, como sublinha ainda o documento acima citado, «nas celebrações litúrgicas da Semana que está a começar, não nos limitamos à mera comemoração do que Jesus fez; somos imersos no mesmo Mistério Pascal, para morrer e ressuscitar com Cristo.» Por outras palavras, não é uma simples recordação do que aconteceu no passado, mas uma actuação do mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus para nós no presente. Somos convidados a reviver estes eventos, a participar neles, mais ainda, a morrer para nós próprios para termos uma nova vida em Cristo e em Deus. É, por isso, essencial uma escuta atenta e dócil da Palavra de Deus, que nos fala abundantemente hoje e nos próximos dias nas leituras e *também* nas várias orações litúrgicas. Precisamos também de uma atitude de recolhimento e meditação pessoal sobre o que ouvimos, a fim de entrarmos nas profundezas do mistério que está a ser celebrado.

A Paixão de Jesus (sofredor, morto, ressuscitado) foi o centro do anúncio dos primeiros cristãos, porque é, de facto o coração da Sua missão divina. Tanto é assim que o Evangelho foi graciosamente chamado “um relato da Paixão com uma longa introdução”. Nela se cumpriu a missão que Deus confiou ao Seu Filho, enviando-O ao mundo. Dela parte a missão que Jesus agora confia aos Seus discípulos: «Tal como o Pai Me enviou, também Eu vos envio» (*Jo* 20,21), diz Cristo ressuscitado aos Seus discípulos.

A riqueza espiritual da Paixão de Jesus é imensa para a vida e missão cristãs. O que vou partilhar nestes dias santos serão apenas algumas notas introdutórios para convidar cada ouvinte/leitor a um maior aprofundamento e reflexão pessoal. Neste Domingo de Ramos, é preciso ter em conta três aspectos particularmente significativos, começando com a imagem sugestiva de Jesus num potro/jumento.

*1. O potro de Jesus*

Para a Sua entrada triunfal em Jerusalém como rei-messias, Jesus quis montar um potro. Poderia perguntar-se porque não um cavalo para sublinhar o carácter real vitorioso e poderoso? A resposta vem da própria Sagrada Escritura. Como o Evangelho de Mateus explica, «Isto aconteceu para que se cumprisse o que foi dito por meio do profeta que diz: *Dizei à filha de Sião: “Eis que o teu rei vem ao teu encontro, manso e montado numa jumenta e num jumentinho, filho de um animal de carga”»* (*Mt* 21,4-5; cf. Zc 9,9). A escolha de Jesus pretende, portanto, salientar o cumprimento da era messiânica predita e, ao mesmo tempo, destacar a mansidão e não o poder como o Seu carácter distintivo no cumprimento do plano divino. A Sua vitória nunca será a do domínio violento que aniquila os inimigos, mas a do amor manso e misericordioso que a todos eleva a uma nova vida em Deus.

Por outro lado, parece que se o cavalo é um animal associado ao tempo da guerra, o jumento/potro é um animal da vida quotidiana e do tempo de paz. Assim, a imagem de Jesus no potro assinala outra característica fundamental da nova era messiânica que Ele agora estabelece: a paz, esse *Shalom* hebraico, que significa não só a ausência de guerra, mas também e sobretudo a vida em plena harmonia com Deus, de quem provém toda a felicidade, bem-estar e prosperidade. Tanto é verdade que, como observa o evangelista Lucas, a multidão que acompanhava Jesus aclamou «*Bendito o Rei que vem em nome do Senhor*. Paz no Céu e glória nas alturas!» (*Lc* 19,38).

*2. O cumprimento da missão de paz*

Jesus é então o Rei da Paz, ou o “Príncipe da paz”, para usar o título dado pelo profeta Isaías ao menino nascido para a salvação do povo (cf. *Is* 9,5ss.; também *Zc* 9,10). A este respeito, eis as palavras de São Paulo Apóstolo inspiradas pela sua meditação sobre a paixão e morte de Cristo: «Ele [Jesus] è, de facto, a nossa paz.» Estas são palavras verdadeiramente profundas e que devem serem relidas no seu contexto integral: «Mas agora, em Cristo Jesus, vós, que outrora estáveis longe, fostes trazidos para perto, pelo sangue de Cristo. Ele é, de facto, a nossa paz, Ele que fez de uns e de outros um só povo e, na Sua carne, destruiu o muro da separação, isto é, a inimizade, ao anular a Lei, com as suas prescrições e decretos. Fê-lo para, dos dois povos, criar em Si mesmo um Homem novo, estabelecendo a paz, e, pela cruz, reconciliar com Deus uns e outros, num só corpo, ao matar em Si mesmo a inimizade. Veio *anunciar como boa nova a paz* para vós *que estáveis longe, e a paz para aqueles que estavam perto*. Porque é por Ele que uns e outros, num só Espírito, temos acesso ao Pai» (*Ef* 2,13-18).

A missão de Jesus é, portanto, a que Deus declarou através do profeta Jeremias: «Conheço bem os pensamentos que tenho a vosso respeito, diz o Senhor; pensamentos de paz, e não de mal, para vos dar o fim que esperais» (*Jr* 29,11). É por isso que, quando Jesus enviou os Seus discípulos, recomendou-lhes que a sua saudação fosse «Paz a esta casa!» (*Lc* 10,5). Cristo ressuscitado saudou os Seus precisamente assim: «A paz esteja convosco!»

*3. A missão continua*

Ele, o verdadeiro pacificador, proclamou bem-aventurados os Seus discípulos que promovem a paz, a paz divina genuína que vem de um coração reconciliado com Deus (cf. *Mt* 5,9). E para fazer a paz, Jesus, o rei-messias, sacrificou-Se a Si mesmo, para que todos pudessem viver em Deus. Num mundo ainda dilacerado por conflitos e guerras insensatas para afirmar o próprio domínio, talvez tenha chegado o momento, também para os discípulos de Jesus, de proclamar de um modo ainda mais forte e convincente, Cristo como “a nossa paz”. Aliás, Ele continua a ser sempre a nossa única e genuína paz que deve ser partilhada com todos. Uma paz duradoura, fruto da missão de Cristo que continua nos Seus discípulos missionários e que ainda se realiza misticamente nesta Semana Santa da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus.

*Citações úteis:*

**CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA**

**559.**Como vai Jerusalém acolher o Seu Messias? Embora tenha sempre evitado as tentativas populares de O fazerem rei, Jesus escolheu o momento e preparou os pormenores da Sua entrada messiânica na cidade de «David, Seu pai» *(Lc* 1, 32). E é aclamado como Filho de David e como aquele que traz a salvação («Hosanna» quer dizer «então salva!», «dá a salvação»). Ora, o «rei da glória» (*Sal* 24,7-10) entra na «Sua cidade», «montado num jumento» (*Zc* 9,9). Não conquista a filha de Sião, figura da Sua Igreja, nem pela astúcia nem pela violência, mas pela humildade que dá testemunho da verdade. Por isso é que, naquele dia, os súbditos do Seu Reino, são as crianças e os «pobres de Deus», que O aclamam, tal como os anjos O tinham anunciado aos pastores. A aclamação deles: «Bendito o que vem em nome do Senhor» (*Sal* 118,26) é retomada pela Igreja no *«Sanctus»* da Liturgia Eucarística, a abrir o memorial da Páscoa do Senhor.

**560.** *A entrada de Jesus em Jerusalém* manifesta a vinda do Reino que o Rei-Messias vai realizar pela Páscoa da Sua morte e da Sua ressurreição. É com a sua celebração, no Domingo de Ramos, que a Liturgia da Igreja começa a Semana Santa.

**1085.** Na liturgia da Igreja, Cristo significa e realiza principalmente o Seu mistério pascal. Durante a Sua vida terrena, Jesus anunciava pelo Seu ensino e antecipava pelos Seus actos o Seu mistério pascal. Uma vez chegada a Sua «Hora», Jesus vive o único acontecimento da história que não passa jamais: morre, é sepultado, ressuscita de entre os mortos e senta-Se à direita do Pai «uma vez por todas» (*Rm* 6,10; *Heb* 7,27; 9,12). É um acontecimento real, ocorrido na nossa história, mas único; todos os outros acontecimentos da história acontecem uma vez e passam, devorados pelo passado. Pelo contrário, o mistério pascal de Cristo não pode ficar somente no passado, já que pela Sua morte, Ele destruiu a morte; e tudo o que Cristo é, tudo o que fez e sofreu por todos os homens, participa da eternidade divina, e assim transcende todos os tempos e em todos se torna presente. O acontecimento da cruz e da ressurreição *permanece e* atrai tudo para a vida.